

# PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NA DÉCADA DE 1960: NARRATIVAS DAS TRAJETÓRIAS VIVIDAS POR PROFESSORES LEIGOS EM UMA ESCOLA DO CAMPO NO SERTÃO DA BAHIA

Maria Eurácia Barreto de Andrade<sup>1</sup>

## Abordagem introdutória

O presente artigo objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa que buscou descrever as práticas alfabetizadoras vivenciadas por professores leigos de uma escola pública do campo, inserida no sertão da Bahia, na década de 1960. Para tanto, procura evidenciar o processo formativo dos professores, as exigências para a admissão na docência, às práticas pedagógicas para o ensino da leitura e da escrita e as concepções destes professores sobre alfabetização e o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Os caminhos metodológicos adotados foram pautados na pesquisa qualitativa, ancorada nos pressupostos da abordagem (auto)biográfica, utilizando como instrumentos de recolha de dados as entrevistas narrativas e análise de documentos, apoiado nas ideias de Bosi (1994), Chizzotti (1991), dentre outros pesquisadores que se abastecem nas memórias (auto)biográficas.

Para tanto, buscou-se desenvolver uma análise cuidadosa e exaustiva dos processos pedagógicos vivenciados naquele período, tendo os próprios professores alunos como interlocutores diretos da pesquisa.

Enquanto uma abordagem que se insere no campo da etnometodologia, originária do campo da fenomenologia, este tipo de pesquisa vêm, ao longo dos anos, ganhando respeito no cenário acadêmico por reconhecer sua importância para o conhecimento do ponto de vista do imaginário social e das atribuições de sentido à escola e as metodologias adotadas.

## Narrativas de professores alfabetizadores: um olhar sobre o processo formativo e a prática pedagógica

Apenas dois professores foram tomados como referência para o nosso trabalho. Ambos nos revelaram, nas entrevistas narrativas, que o processo de admissão à docência se deu por indicação dos representantes políticos da época, porém para garantir a permanência, era necessária a participação efetiva no processo de aperfeiçoamento e aprovação no teste final, contemplando questões da gramática e conhecimentos gerais acerca do processo docente (imagens 1 e 2). Para eles foi muito interessante poder participar de um curso tão rico, oferecido por profissionais da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA). No referido curso de aperfeiçoamento, foram trabalhados os conhecimentos necessários para a inserção na docência no contexto das escolas do campo, contemplando o antigo ensino primário<sup>2</sup>, além de discussões sobre conhecimentos gerais. As narrativas dos professores são bastante elucidativas ao revelarem:

[...] meu pai era vereador e me indicou para eu ensinar lá no Pontal<sup>3</sup>. Aí, seu Manezinho<sup>4</sup>, na hora, disse que eu podia ir ensinar, mas tinha que

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com atuação no Centro de Formação de Professores (CFP). E-mail: [nateandrade@bol.com.br](mailto:nateandrade@bol.com.br).

<sup>2</sup> Correspondente aos anos Iniciais do Ensino Fundamental.

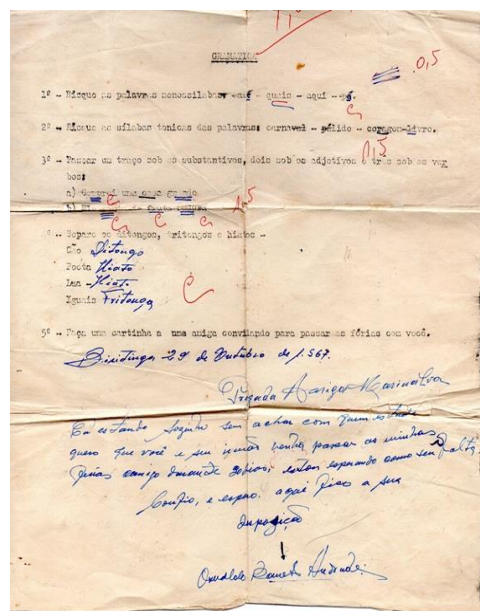
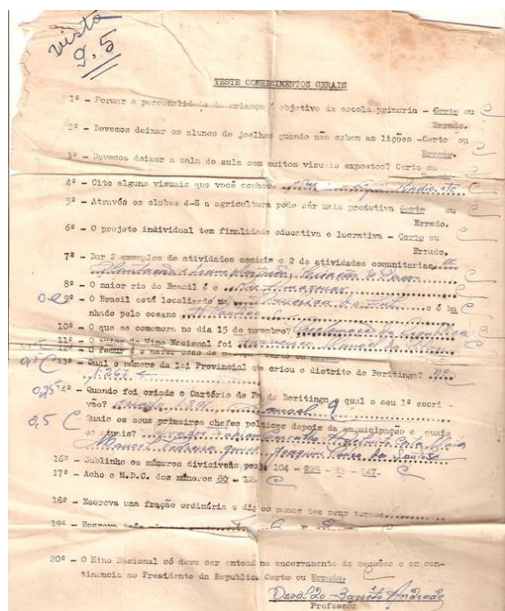
<sup>3</sup> Comunidade rural inserida no município do sertão da Bahia.

<sup>4</sup> Prefeito municipal que atuou até os primeiros anos da década de 1970.

participar de um curso, se passasse, tudo bem, se não passasse, não tinha jeito. Eu tinha que me esforçar pra participar e depois passar no teste. [...] Foi um curso muito bom. Os professores ensinavam como a gente devia ensinar os meninos, o que podia e o que não podia e também ensinava outras coisas que a gente sempre precisa na nossa vida na roça [...] e eu aprendi tudo. Foi muito bom. No final do curso, aí nos deram dois testes pra testar mesmo se a gente tinha aprendido a lição. Quem aprendeu ficou e quem não aprendeu não recebeu o diploma. Eu mesmo passei com uma boa nota. Quer ver a minha prova<sup>5</sup>? Até hoje eu tenho tudo guardadinho [...] E tenho até o diploma<sup>6</sup>, viu? (O. B. Interlocutor da pesquisa)

Foi meu tio quem deu meu nome pra seu Manezinho. Ele botou na lista e disse pra eu ir fazer o curso. No dia cheguei logo cedo. Tinha muita vontade de ensinar os meninos de lá da comunidade, porque tava precisano mesmo de escola. Lá era quase tudo analfabeto e eu podia ajudar aquele povo sofrido, pelo menos fazer o nome, fazer conta, fazer uma carta. [...] A gente precisa aprender, né? Todo mundo precisa. Eu sei que eu fiz o curso, prestei muita atenção e tirei uma boa nota pra receber meu diploma de professor. Fiquei tão feliz que quase chorei [...] (M. Z. Interlocutor da pesquisa)

As narrativas dos professores deixam claro como de fato se deu o processo de admissão, porém é importante analisarmos os documentos referenciados para que possamos ter uma maior compreensão do processo. O interlocutor O. B. socializou o certificado de frequência na formação, bem como o teste aplicado no final do processo formativo, com a correção realizada pelos formadores da instituição promotora. As imagens 1, 2 e 3 a seguir são bastante reveladoras para as nossas reflexões.



**Imagem 1:** Teste de Conhecimentos Gerais – **Fonte:** arquivo da pesquisadora

**Imagem 2:** Teste de Gramática – **Fonte:** arquivo da pesquisadora

<sup>5</sup> Teste aplicado (figuras 1 e 2) depois do processo formativo para garantir a permanência na docência

<sup>6</sup> Certificado de participação no curso de “aperfeiçoamento”.



gravado). Aí partia pra o BA, BE, BI, BO, BU, juntando as vogais e as consoantes. Só depois deles aprenderem todas as famílias é que começavam juntar para formar palavras. Em pouco tempo eles já começavam a ler e escrever os textos da cartilha<sup>9</sup> [...] Eu lembro até hoje dos textos das cartilhas. Primeiro eles faziam cópia, eu tomava a lição<sup>10</sup> todo dia (e marcava a parte para eles estudarem em casa (eles tinham um medo danado de não acertarem a lição, porque se não, não passava para a página seguinte e o que eles mais queriam era terminar as lições para depois recordar) [...]) E depois que eles copiavam muito, eu fazia o ditado dos textos (primeiro era ditado de palavras e só quando eles tavam mais treinados é que eu fazia ditado de texto). Era assim [...] eles aprendiam ligeirinho [...] alfabetizei muitas crianças [...] (M. Z. Interlocutor da pesquisa)

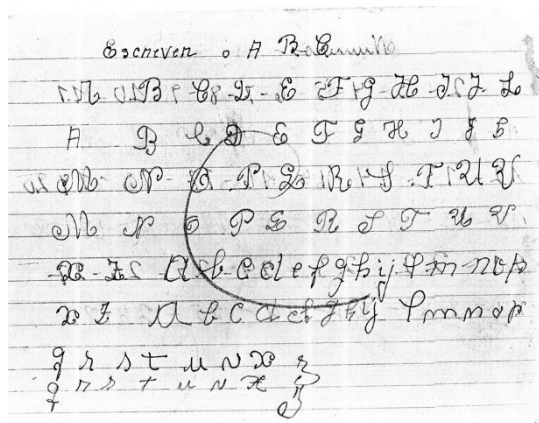
Inicialmente os alunos aprendiam na sequência alfabética, conforme apresentava no livreto do ABC e como ele escrevia no quadro negro, mas depois ele ampliava o grau de dificuldade para que as crianças não apenas decorassem a sequência. Todos os dias tomava a lição, ou seja: pegava o ABC, lia várias vezes, memorizava as letras em ordem alfabética e alternadamente. Em seguida chamava à mesa para - estudante por estudante, antes de ir embora – descobrir quem ainda precisava ficar na primeira página ou poderia avançar para a próxima. Conta que um pequeno pedaço de papel branco com um furo no centro, o ABC, a palmatória e a tabuada eram os seus principais instrumentos de trabalho no início do processo de alfabetização. Utilizando-se do pedaço de papel branco com um pequeno orifício no centro, ele colocava-o sobre as letras do alfabeto e obrigava aos alunos a identificá-las (uma por uma), quem não identificasse, ficava na mesma lição/página. Nas suas narrativas o interlocutor O. B. revela:

Eu chegava na sala, fazia o dever pra eles cobrirem as letras e eles cobriam. Pedia pra eles estudarem a lição e eles estudavam até aprender de cor. Tudo que eu ensinava eles aprendiam, ninguém queria ficar na mesma lição (risos). O ABC eles aprenderam de frente pra traz e de traz pra frente, eu botava o papel furado em qualquer letra e eles sabiam as letras (risos) [...]. Em pouco tempo todo mundo já sabia fazer o nome, ler e escrever as letras e até formar nomes: bola, mala, cama [...] eles aprendiam ligeiro [...] (O. B. Interlocutor da pesquisa)

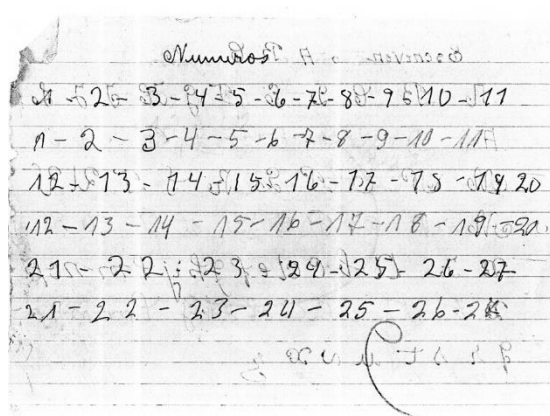
As narrativas acima podem ser reafirmadas com as imagens 4, 5 e 6 a seguir, contemplando atividades de estudantes de um dos sujeitos da pesquisa. Elas revelam uma prática voltada para os métodos tradicionais de alfabetização, que são duramente criticados por diversos pesquisadores contemporâneos da área, dentre os quais destacamos Carvalho (2005), Silva, Barreto e Muniz (2010) e Ribeiro (2011).

<sup>9</sup> Segundo o dicionário Houaiss a palavra cartilha designa um pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e os rudimentos para aprender a fazer a carta do ABC.

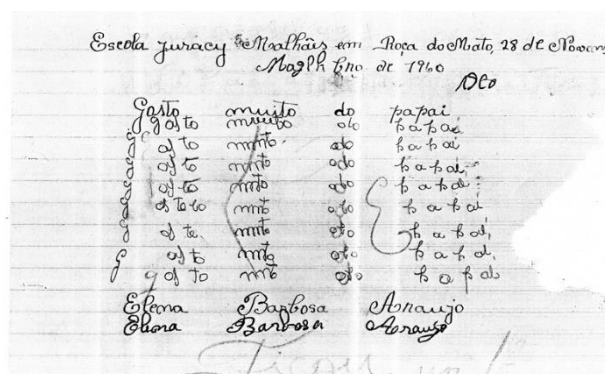
<sup>10</sup> Expressão usada para a leitura que o professor tomava com os textos do livro didático/cartilha. Quando o estudante lia o fragmento do texto corretamente o professor marcava com um “X” a nova lição, quando não acertava assoletar e ler o texto ficava na mesma lição anteriormente marcada.



**Imagem 4:** Atividade de escrita do alfabeto – **Fonte:** arquivo da pesquisadora



**Imagem 5:** Atividade de escrita dos numerais – **Fonte:** arquivo da pesquisadora



**Imagem 6:** Atividade de cópia de frase descontextualizada – **Fonte:** arquivo da pesquisadora

Diante das imagens 4, 5 e 6 apresentadas, somadas com as narrativas dos professores, fica clara a adoção do método sintético de alfabetização. Sobre tal reflexão, Carvalho (2005), Silva, Barreto e Muniz (2010) e Ribeiro (2011) contribuem revelando que o princípio de ordem sintética imprime um processo alfabetizador isolado do contexto real, fazendo uso de palavras e frases soltas e sem sentido para a criança. Para Silva, Barreto e Nuniz (2010, p. 68), o referido método prioriza “[...] o treino, a repetição e a leitura mecânica, independente, portanto da compreensão”. Complementando a discussão, Abreu (2000, p. 39) avalia:

[...] o processo de ensino é caracterizado por um investimento na cópia, na escrita sob ditado, na memorização pura e simples, na utilização da memória de curto prazo para reconhecimento das famílias silábicas [...]. Essa forma de trabalhar está relacionada à crença de que primeiro os alunos têm de aprender a ler e escrever dentro do sistema alfabético.

Tal discussão revela que a escrita alfabética é um código, ou seja, ler é decodificar e escrever é codificar. Como um código, aprende-se repetindo, memorizando e associando. Nessa concepção, o aluno aprende, recebendo e memorizando informações já prontas sobre letras e sons. Há uma grande ênfase nos aspectos gráficos, psicomotores e na prontidão.

Barbosa (1994) critica as metodologias alfabetizadoras tradicionais para o momento atual por não contemplarem as demandas apresentadas nos diversos espaços e eventos sociais, pela

concepção de língua escrita que permeia tais métodos e, principalmente, pela valorização exacerbada no processo de ensino sem, tampouco, levar em conta o processo de aprendizagem. Na sua reflexão revela:

[...] a ênfase recai no ensino; a aprendizagem é então concebida como a resposta da criança a um determinado estímulo proporcionado pelo ensino, e a criança, concebida como uma espécie de caixa de ressonância passiva, acionada quando estimulada por um agente externo, a criança repete e memoriza (BARBOSA, 1994, p. 72-73).

Vygotsky (2003) apresenta uma grande crítica aos métodos, principalmente, pelo lugar restrito que a escrita ocupa em detrimento a mecânica do ato de ler e de escrever. Para o autor, a linguagem escrita que tem papel fundamental no desenvolvimento da criança é descontextualizada e descaracterizada pelos métodos tradicionais de alfabetização. Em suas palavras, denuncia:

[...] a escrita ocupa um lugar muito estrito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se às crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal (VYGOTSKY, 2003, p. 139).

Assim como Vygotsky (2003), Soares (2000; 2003), Tfouni (2005), Kleiman (2006), Mortatti (2004; 2011), Andrade (2011), também denunciam a impossibilidade da formação dos sujeitos autônomos, criativos e participativos tendo como suporte do trabalho as sílabas desconectas, palavras sem significação ou frases sem nenhuma relevância e sentido para a criança. Defendem o trabalho articulado com a vida e com os interesses dos sujeitos e convidam todos a considerarem no processo educativo a formação do sujeito leitor e participativo nos eventos letrados.

### **Considerações finais**

Diante da investigação, foi revelada uma prática pedagógica com ênfase apenas no processo de codificação e decodificação da língua escrita, através de atividades mecânicas, repetitivas e sem sentido para os estudantes, além disso, um processo marcado pela valorização exacerbada da figura do professor, práticas duramente denunciadas pelas pesquisas atuais, tomando como exemplo Soares (2000; 2003), Tfouni (2005), Kleiman (2006), Mortatti (2004; 2011), Andrade (2011), dentre outros que discutem sobre as concepções e práticas para o ensino da leitura e da escrita.

Apesar dessas considerações observadas, mesmo diante das novas discussões em torno da alfabetização e do letramento, as quais representam um novo momento e um novo paradigma para a inserção das práticas sociais no processo alfabetizador, as concepções alfabetizadoras e os métodos adotados por estes professores foram fundamentais para o processo de construção da leitura e da escrita de muitas crianças naquele momento histórico, mas no contexto atual não atendem as exigências de uma sociedade letrada e com demandas cada vez mais diversas.

Assim, evidencia-se que, com a possibilidade de um mergulho na produção/análise de relatos autobiográficos, a partir do imaginário social, é, sem dúvida, uma importante contribuição para a história da alfabetização que está sendo escrita cotidianamente por diferentes sujeitos. Acreditamos, que com a singularidade das narrativas dos interlocutores

desta pesquisa, contribuímos com a diversidade de olhares ao processo de alfabetização em sua história em construção.

### Referências

ABREU, Ana Rosa et al. **Alfabetização**: livro do professor. Brasília: Fundescola - MEC, 2000.

ANDRADE, Maria Eurácia B. **Alfabetização e Letramento**: o desvelar de dois caminhos possíveis. Jundiá: Paco, 2011.

ARAÚJO, M. C. C. S. **Perspectivas Históricas da alfabetização**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1996.

BARBOSA, José Juvencio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.

BOSI, Ecéa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis: Vozes, 2005.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.  
São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a prática da liberdade e outros escritos**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1988.

KLEIMAN, Angela B. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e Letramento**: perspectivas lingüísticas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006, p. 173 -204.

MICOTTI, Maria C. de O. Alfabetização: métodos e tendências. In: MICOTTI, Maria C. de O. **Alfabetização**: estudos e pesquisas. Rio Claro, UNESP, 1996. p. 9-60.

MORTATTI, Maria do R. L. (Org.) **Alfabetização no Brasil**: uma história da sua história. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação e Letramento**. São Paulo: Unesp, 2004.

RIBEIRO, Silvanne. Reflexões acerca das metodologias alfabetizadoras no Brasil. **Presente! Revista de educação**, n. 69, ano 18. p. 19-26. Ceap, dez 2010/ mar 2011.

SILVA, C. A.; BARRETO, D. A. B.; MUNIZ, D. M. S. A alfabetização como um processo discursivo. In: CRUSOÉ, N. M. de C.; RIBEIRO, M. M. G.; SILVA, C. A. (Org.). **Desafios Educacionais no Cotidiano Escolar**. Ijuí: Unijuí, 2010. p. 63-86.

SOARES, Magda B. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

TFOUNI, Leda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Cortez, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução Jerfson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.